

## Capítulo 7

### O estudo: Metodologia de Pesquisa

“A pesquisa qualitativa cultiva a mais útil das capacidades humanas – a capacidade de aprender a partir do outro”.

Halcolm’s Evaluation Laws<sup>39</sup>

No XV INPLA, realizado em 2005, na PUC-SP, a professora Myriam Nunes (UFRJ) tocou em uma questão muito relevante para o presente trabalho – a necessidade urgente de desconstruirmos os mitos (ou crenças) relacionados à leitura. Entendendo a importância desse argumento, investigamos que Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) de leitura são projetados discursivamente por um grupo de professores e como esses conhecimentos, construídos socialmente, influenciam a prática pedagógica. A inspiração nasceu do estudo piloto, que nos permitiu aprender como desenvolver essa pesquisa. O desenho metodológico, detalhado nesse capítulo, segue as mesmas linhas nele traçadas. O capítulo está dividido em oito seções: a natureza da pesquisa, o contexto de formação do corpus, os professores participantes, a pesquisadora, o banco de dados, procedimentos de coleta de dados e perguntas de pesquisa. Por último, apresentamos os procedimentos de análise.

#### 7.1

##### A Natureza da Pesquisa

A presente investigação é um estudo interdisciplinar qualitativo e quantitativo. A intenção é explorar a complementaridade dos enfoques qualitativo e quantitativo para compreender os dados utilizados. Como um dos principais objetivos da pesquisa qualitativa é “aproximar” o pesquisador dos possíveis entendimentos da realidade, utilizamos, para tanto, métodos e instrumentos variados de coleta de dados para “chegar mais perto da perspectiva do autor” (Denzin & Lincoln, 2002:10)<sup>40</sup>. Em outras palavras, nosso paradigma de pesquisa

---

<sup>39</sup> “Qualitative inquiry cultivates the most useful of all human capacities – the capacity to learn from others”. In Patton, 1990.

<sup>40</sup> “...qualitative investigators think they can get closer the actor’s perspective...”

busca compreender a experiência humana, que, no nosso caso, é a atividade de leitura.

Dada a natureza interdisciplinar, o estudo insere-se no campo da Lingüística Aplicada, abrangendo princípios (a) sociointeracionistas (dialogismo e interação verbal) e (b) sociocognitivistas (Modelos Cognitivos Idealizados). Tais princípios foram discutidos na revisão de literatura.

## 7.2

### O Contexto

Os dados foram obtidos através de três procedimentos, a saber, um questionário, gravação em áudio de um protocolo falado e uma entrevista com professores da alfabetização à 4<sup>a</sup>. série do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de quatro escolas diferentes nos bairros de Realengo, Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes e Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. As escolas escolhidas foram selecionadas de modo a contemplar populações de diferentes faixas de distribuição econômica, visto que uma das limitações do estudo piloto foi a homogeneidade dos participantes. A coleta de dados foi feita durante todo o segundo semestre de 2005. A Tabela 4 ilustra as diferentes faixas de distribuição de cada escola selecionada.

**Tabela 4: Critérios de seleção\***

Critério de Seleção	
Escola de baixa renda	pública (não há mensalidade)
Escola de média-baixa renda	mensalidade de até R\$ 500,00
Escola de média-alta renda	mensalidade de até R\$ 800,00
Escola de alta renda	mensalidade acima de R\$ 800,00

As escolas foram agrupadas, nomeadas e descritas da seguinte forma: a) escolas de baixa renda: **B**; b) escola de média-baixa renda: **MB**; c) escola de média-alta renda: **MA** e d) escola de alta renda: **A**.

---

\* Dados de 2005.

## 7.2.A

### A escola B

A primeira escola visitada foi **B** que fica em Realengo, no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. A escola conta com cerca de 650 alunos no Ensino Fundamental. A seriação feita na escola não corresponde à usada pela Rede Particular. Nessa escola, trabalha-se em ciclos. A escola é bastante organizada e limpa. Nas salas, há exposição de alguns trabalhos feitos pelas crianças. O ambiente é tranquilo e silencioso. Tanto a orientadora quanto a diretora estão a par do que acontece no dia-a-dia da escola. Em conversa com a orientadora, ficou claro o envolvimento e o compromisso com os alunos apesar de haver consciência dos problemas encontrados na Rede Pública de Ensino. Dos 13 professores que atuam da classe de alfabetização até a 4<sup>a</sup>. série, 11 responderam ao questionário; sendo que seis estavam dispostos a participar das outras etapas do estudo.

## 7.2.B

### A escola MB

Situada no bairro de Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro, a escola **MB** conta com 500 alunos do jardim ao Ensino Médio. A escola é formada por dois prédios interligados. Em um fica a Educação Infantil e, no outro, os Ensino Fundamental e Médio. A escola é bem arejada, contando com salas amplas e claras. Há apenas uma turma de cada série. O espaço é bem organizado e limpo. Os trabalhos dos alunos enfeitam a escola. A coordenação e a direção foram muito atenciosas com a pesquisadora e todos foram solícitos durante todo o processo de pesquisa. Dos dez professores que participaram, oito aceitaram a participar das etapas seguintes do estudo.

## 7.2.C

### A escola MA

A escola **MA** situa-se no bairro do Recreio dos Bandeirantes, zona oeste do Rio de Janeiro. A escola atende alunos da Educação Infantil até o Ensino Médio. Nessa unidade, 650 alunos estão matriculados. A escola é bastante ampla e

suas salas comportam cerca de 30 alunos, sendo que, de acordo com o grau de escolarização, o número de alunos por sala pode ser reduzido. Há um coordenador para cada segmento da escola e uma direção única. Foi mais fácil coletar os dados nessa escola visto que a professora-pesquisadora trabalha nessa instituição de ensino. Dentre os vinte e nove professores que participaram, cinco não responderam ao questionário e dez estavam dispostos a participar das outras fases do estudo.

## **7.2.D**

### **A escola A**

A escola A situa-se no bairro de Ipanema, zona sul do Rio de Janeiro. Essa escola atende alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio e possui uma filial em um bairro de classe média-alta na cidade. Não conheci a escola em Ipanema. Houve certa resistência por parte da coordenação na hora de permitir que eu conversasse com os participantes. O questionário foi entregue para ser preenchido por um colega da pesquisadora que trabalhava na instituição.

## **7.3 Os Professores Participantes**

Os participantes são professores da rede pública e particular das mais variadas disciplinas e segmentos da escola. A opção por trabalhar com professores de diferentes áreas do conhecimento foi baseada no resultado do estudo piloto que apontou para um MCI híbrido de leitura. Como os participantes do estudo piloto eram professores da área de Letras, na sua maioria, ou cursavam o Mestrado na mesma área, pensamos que talvez o resultado apresentado não correspondesse de modo mais fiel ao entendimento dos professores como uma categoria mais ampla que envolve disciplinas variadas. Além disso, acreditamos que auxiliar o aluno a desenvolver habilidade de leitura é papel de todos os professores. A demografia desses professores será apresentada no capítulo 8, juntamente com a análise e a discussão dos dados.

## 7.4 O Pesquisador Participante

Nesta pesquisa, o pesquisador foi participante. Não buscou somente compreender o fenômeno investigado, buscou, também, interagir com os participantes da pesquisa durante a aplicação do questionário, do protocolo falado e, principalmente, da entrevista, o que possibilitou uma maior abertura entre todos os envolvidos. Alguns professores-participantes já tinham algum tipo de relação com o pesquisador-participante, o que, não necessariamente, facilitou o curso da pesquisa, mas facilitou a aceitação e aplicação.

O pesquisador-participante é licenciado em Português-Inglês pela Universidade Veiga de Almeida e pós-graduada em Língua Inglesa pela PUC-Rio. No momento, cursa Mestrado em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora da rede particular de ensino, vem exercendo o magistério em Língua Inglesa há seis anos. Há dois anos, demonstra interesse pelas questões relacionadas à leitura e pelo processo de ensino-aprendizagem de leitura, com trabalhos apresentados na PUC-Rio, PUC-SP, UFRJ e UERJ.

## 7.5

### O Banco de Dados

A triangulação de diferentes fontes de dados é um dos meios de validar, em nossas pesquisas, os achados (Woods, 1996). No entanto, tomarei a palavra de Richardson (1994) para estabelecer o método de análise utilizado no presente estudo, acreditando que esse traduz de forma fiel as nossas crenças.

“Na triangulação, o pesquisador emprega ‘diferentes métodos’ - como as entrevistas, os censos e documentos - para validar achados... Mas em textos híbridos pós-modernistas, nós não triangulamos; nós cristalizamos. Reconhecemos que existe muito mais do que ‘três lados’ pelo qual nós podemos abordar o mundo”<sup>41</sup> (Denzin e Lincoln, 2002:934).

Richardson (1994) sugere, ainda, que troquemos a imagem do triângulo – objeto rígido, fixo – pelo prisma que se altera, cresce e se modifica sem ser

---

<sup>41</sup> “ In triangulation, a researcher deploys ‘different methods’ - such as interviews, census data, and documents – to ‘validate’ findings...But in postmodernist mixed-genre texts, we do not triangulate; we cristallize. We recognize that there are far more than ‘three sides’ from which to approach the world.” (In Denzin & Lincoln,2002,p.934)

amorfo. Cristais refletem e refratam o mundo. Tudo o que vemos depende de nosso ângulo de observação. O próprio estudo piloto revelou que diferentes indivíduos abordam e interpretam o mesmo ‘objeto’ por ângulos distintos. Ana e Bento e os outros professores apresentaram concepções diferentes de leitura, no entanto, encontramos também vários pontos comuns.

Assim sendo, utilizamos questionário; protocolo falado e entrevista, para cristalizarmos os dados, segundo as idéias de Richardson (1994). As partes do corpus utilizadas para o presente estudo encontram-se nos Anexos 4, 5 e 6.

### **7.5.A**

#### **O questionário**

A partir das sugestões recebidas na aplicação do estudo piloto, re-elaboramos o questionário, visando utilizar um layout que não influenciasse escolha da resposta dos participantes. Preocupamo-nos com o tamanho das frases e sua disposição. Quanto às perguntas, houve algumas alterações para adequá-las ao nosso layout e aos princípios dos diferentes modelos de leitura (Anexos 3 e 4). Dentre as mudanças, incluímos, por exemplo, a opção ler é interação entre autor, leitor e contexto.

Seguimos os princípios dos diferentes modelos de leitura – decodificação, psicolingüístico, sócio-interacional e sociocognitivo – abarcando conceitos como: direcionalidade do fluxo de informação, construção de significado; interação e contexto. A proposta era buscar respostas para como os professores-participantes entendiam o ato de ler, a partir de questões fundamentais em leitura: a) Qual o papel do autor, do leitor e do texto?; b) Qual a natureza da leitura?; c) Como se dá a compreensão? e, d) Qual o papel do contexto?, conforme desenvolvemos no capítulo 2 e experimentamos no estudo piloto.

Durante a aplicação, alguns professores tentavam justificar suas respostas ao preencherem o questionário, se o pesquisador estivesse por perto. Outros tentavam esclarecer conceitos. Muitos, ao terminar o questionário, perguntavam coisas do tipo “Eu passei?” ou “Consegui tirar boa nota?”. Esse tipo de comportamento é justificável se pensarmos que eles estão expondo seus entendimentos para alguém que eles talvez julguem mais competente pelo simples fato de ser ‘o pesquisador’, como se esse título equivalesse a conhecimento. Segundo, como nossos

enunciados não são isentos de valores, o olhar para esses enunciados também não o são. O medo de ser julgado é latente.

Caracterizamos nosso questionário como estruturado já que ele observa características propostas por Fontana & Frey (2002): todos os participantes respondem ao mesmo tipo e número de questões com uma quantidade pré-estabelecida de respostas e na mesma ordem de apresentação. O questionário foi composto por quatro questões de múltipla escolha. O modelo utilizado neste estudo encontra-se no Anexo 4.

Com o questionário pudemos retomar algumas hipóteses levantadas durante o estudo piloto, a saber, se os professores não estariam projetando um conceito de leitura incoerente porque não possuíam uma Teoria de Linguagem definida ou se não possuíam uma Teoria de ensino-aprendizagem claramente formada ou ambas as opções anteriores. Com um grupo de professores mais heterogêneo, mais representativo das diferentes realidades possíveis na esfera educacional, acreditamos que obteríamos dados que nos permitiriam elucidar essas hipóteses.

## **7.5.B**

### **Protocolo falado**

Apesar de o protocolo falado não ter sido utilizado no estudo piloto, durante uma apresentação do trabalho inicial, foi sugerido por uma colega do curso de Mestrado, que observássemos as pessoas em seus próprios processos de leitura. A idéia era investigar se o que os professores afirmavam nos questionários era consistente com suas próprias práticas de leitura. Adotamos a idéia (Anexo 5).

Método amplamente utilizado nas pesquisas nas áreas de educação e psicologia, o protocolo falado consiste em verbalizar os pensamentos enquanto executa-se uma determinada tarefa. Como afirmam van Someren et al (1994:1):

“Este é um método bastante direto para ganhar ‘insight’ sobre o conhecimento e os métodos de solucionar problemas do homem”<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> “This is a very direct method to gain insight in the knowledge and methods of human problem-solving.”

Usando uma técnica estruturada onde o pesquisador interrompia o processo de solucionar o problema dado - a leitura do texto - com perguntas, buscamos explorar aspectos mais específicos, como o uso de conhecimento prévio e o uso do contexto para construir o significado do texto.

Cabe mencionar que esse método de gerar dados sofre críticas devido às limitações que ele apresenta, dentre elas, a possibilidade de o pesquisador induzir as respostas e a dos participantes se sentirem analisados (e não a interface entre o que falam e fazem), bloqueando/inibindo uma participação natural nos protocolos. No entanto, acredito que vantagens como a facilidade da aplicação, o caráter qualitativo, a interação – por menor que seja – entre pesquisador e participantes, aliados ao objetivo dessa técnica – observar o que os participantes pensam enquanto executam a tarefa de leitura – podem contribuir para o entendimento da questão central desse trabalho, a saber, como os professores entendem o processo de leitura. Dos 61 professores que formam o grupo investigado, 10 foram selecionados aleatoriamente, mas apenas 8 participaram.

Através dessa prática, em um primeiro momento, pretendemos observar e identificar o próprio processo de leitura dos professores-participantes. Como liam? Quais contribuições traziam para o texto? Em um segundo momento, contrastamos as informações obtidas no questionário com as informações que emergiram do protocolo e das entrevistas.

### **7.5.C**

#### **Entrevistas**

Segundo Fontana & Frey (2002), a entrevista é uma das formas mais comuns e poderosas de tentarmos entender os homens visto que a linguagem está intimamente ligada ao pensamento (eg.Vygotsky, 2001,2003; van Dijk, 2002; capítulo 2); trata-se, portanto, de tarefa difícil visto que ela não é uma forma neutra de coletar dados, mas uma atividade interacional entre dois seres sócio-históricos que vão se construindo e construindo o discurso na e pela interação verbal. O objetivo da entrevista é buscar um entendimento maior de uma dada situação muito mais do que explicá-la.

Assim como no estudo piloto, o uso de entrevistas foi crucial para a clarear o entendimento sobre o que havia emergido da análise dos questionários e, no

caso dessa dissertação, também dos protocolos falados. Além do mais, com as entrevistas pudemos analisar as colocações lexicais e, a partir delas, construir os MCIs de leitura que nelas estavam sendo projetados.

Acreditamos que entrevistas sejam “textos negociados” (Medina, 2004) na interação entre o entrevistador e o entrevistado e, que, desse modo, haja sempre espaço para o inesperado. Cabe lembrar que há sempre uma tendência do entrevistado em dar a resposta que julga mais adequada ao contexto da entrevista; no entanto, a vantagem oferecida por essa prática é, como colocou Kleiman (2005:37), “justamente a possibilidade de explorar a situação de interação para favorecer elaborações mais ricas por parte dos informantes, avançando em relação à superficialidade que normalmente caracteriza respostas dadas a um questionário fechado”. Outro ponto positivo em relação à entrevista é que ela possibilita - aos professores - “por meio do processo de rememoração, refletirem a respeito de suas concepções de leitura (...). Isto é, a partir da realização das entrevistas, ao ceder seus depoimentos que se ancoram no olhar para o seu passado e o seu presente, acabam se enredando na sua própria formação” (Guedes-Pinto, 2000: 66).

O trabalho de Chen (2006) resume duas categorias de entrevistas, a saber, aberta e estruturada, apontando as vantagens e as desvantagens de cada uma delas. Nesta dissertação, as entrevistas semi-estruturadas foram delineadas considerando-se as informações obtidas através dos questionários e protocolo. Diferentemente das entrevistas estruturadas (*structured interviews*) - que são muito objetivas e não permitem improvisos ou colocações por parte do entrevistado - e das entrevistas abertas (*open-ended interviews*) - que não fornecem estruturas para a resposta, a entrevista semi-estruturada permite que as perguntas gerem respostas variadas, com um gasto menor de tempo, mantendo o foco nas questões relevantes para a investigação. Os 8 professores que participaram do protocolo falado foram os mesmos que participaram das entrevistas.

Adaptamos essas idéias na Tabela 2, incluindo informações sobre a entrevista semi-estruturada, formato adotado nesta dissertação.

**Tabela 2:** Tipos de Entrevistas

ENTREVISTA	OBJETIVO	VANTAGENS	DESVANTAGENS
Aberta	Visão geral do assunto; Segue o fluxo do pensamento	Fácil de elaborar; Privilegia a interação	Pode gerar muita informação, inclusive desnecessária; Difícil de analisar
Estruturada	Obter informações específicas	A informação é mais detalhada e precisa	Requer domínio do assunto; Pode não contemplar outras questões importantes
Semi- estruturada e Aberta	Entender o ponto de vista do entrevistado	Esclarecer informações, descobrir alguma informação não observada anteriormente	Consome-se muito tempo; depende das habilidades do entrevistador; influência do entrevistador

Assim como no estudo piloto, os objetivos das entrevistas foram: a) elucidar o entendimento de conceitos relacionados à leitura; b) clarear nosso olhar sobre os dados obtidos até a etapa da pesquisa na qual me encontrava; e c) identificar que crenças eram discursivamente projetadas pelos professores-participantes.

## 7.6

### Os Procedimentos de Coleta de Dados

O primeiro passo da coleta de dados foi a elaboração do questionário. Todo o processo de elaboração do questionário foi ancorado no conhecimento gerado a partir de experiências concretas de outros pesquisadores na área de leitura, da nossa experiência com o estudo piloto e da literatura relevante sobre a elaboração de questionários (Burgess, 2003; Frary, 1996). Levamos em consideração observações feitas por participantes da pesquisa piloto e conversas durante sessões de orientação, como, por exemplo, considerar a interação leitor, autor e contexto.

Para o uso do questionário, visitamos quatro escolas (B, MB e MA e A) em dias diferentes. Tentamos atrapalhar o menos possível a rotina dos professores durante essa fase do trabalho. Nos apresentávamos e explicávamos a proposta da pesquisa de modo breve e pedíamos que preenchessem o questionário. Explicávamos que haveria duas outras fases de coleta de dados e que gostaríamos de saber se estariam dispostos a participar. Para tanto, bastava preencher, no próprio questionário, a pergunta feita.

No caso da escola A, houve dificuldade para se conseguir espaço. Não conseguimos falar com o coordenador: não estava ou estava ocupado. Sendo assim, aceitamos a oferta de um colega de trabalho para aplicar o questionário em nosso lugar, entendendo que, de acordo com a resposta de cada um dos participantes, um contato futuro seria mais fácil.

A **fase inicial** do **questionário** durou aproximadamente um mês e meio, compreendendo o período do meio do mês de setembro ao final do mês de outubro de 2005. Asseguramos aos participantes que as respostas dos questionários eram confidenciais e seriam utilizadas para fins estritamente acadêmicos. Como é de praxe a não-identificação dos informantes em uma pesquisa dessa natureza, optei por nomeá-los através de nomes fictícios.

Após a fase inicial, sorteamos os nomes dos participantes dispostos a contribuir com as demais fases da pesquisa, descartando os que, por um motivo qualquer, responderam negativamente à pergunta do questionário. Descartamos, também, os participantes que não devolveram o questionário preenchido. Depois do sorteio dos nomes, iniciamos a **fase dois** do estudo - o **protocolo falado**.

Lançando mão do texto que serviu para o estudo piloto, realizamos o protocolo falado para contrastá-lo com os dados do questionário e cristalizar os dados. Os protocolos falados foram gravados em áudio, dentro do espaço escolar e, posteriormente, transcritos livremente, sem usar um padrão, apenas marcando as seguintes categorias: a) pausas breves, com reticências; b) pausas longas, com reticências dentro de parênteses e; c) trecho ininteligível, com interrogação dentro de parênteses.

O texto foi desmembrado em título, ilustrações, gráfico e corpo do texto. Cada elemento constitutivo do texto permanecia coberto e, passo-a-passo, no processo de leitura, ia sendo revelado ao participante. Ao participante cabia dizer o que cada item representava e que ligação possuía com os itens já mencionados para a construção de sentido. Todos os participantes receberam o mesmo texto. Esses procedimentos emularam os seguidos no estudo piloto para que pudéssemos examinar as hipóteses levantadas.

A coleta, nessa fase, durou aproximadamente sete semanas (de meados de outubro até o final de novembro de 2005). Cada protocolo falado durou de 2 à 5 minutos. A dificuldade de pesquisadora e participantes encontrarem tempo disponível foi um fator complicador. Houve momentos de dificuldades técnicas

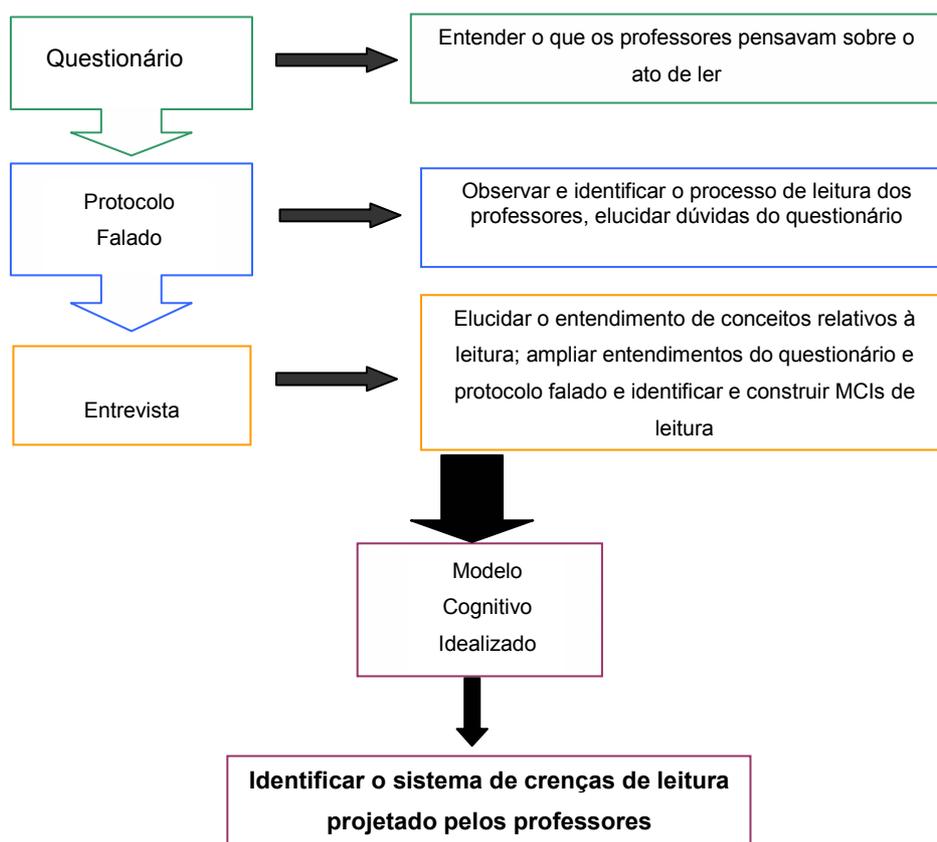
quando o gravador não funcionava ou a pilha acabava, forçando a pesquisadora a anotar os protocolos falados (Anexo 5).

A **terceira** e última **fase** da coleta de dados foi a **entrevista**. Os professores que participaram do protocolo falado foram entrevistados seguindo um roteiro semi-estruturado de perguntas. Como o objetivo era cristalizar os dados obtidos nas fases 1 e 2, algumas perguntas foram feitas a priori e outras surgiram durante a interação entrevistador-entrevistado. Conforme fizemos no estudo piloto, os dados da entrevista formaram a base para a construção dos Modelos Cognitivos Idealizados, a partir da análise das colocações lexicais. O termo ‘colocação lexical’ será definido e explicado na seção 7.8 (procedimentos de análise), neste capítulo.

O processo de entrevistas, gravadas e transcritas, durou aproximadamente 2 meses – de meados de outubro à início de dezembro de 2005. As entrevistas também foram realizadas dentro do espaço escolar, durante o turno de trabalho do professor. A falta de experiência em lidar com essa ferramenta de pesquisa gerou problemas como conciliar o barulho externo com o momento da entrevista, falta de pilhas ou gravador reserva.

A Figura 18 resume os instrumentos de pesquisa utilizados nesse estudo e seus respectivos objetivos.

**Figura 18: Instrumentos Geradores de Dados**



## 7.7

### Perguntas de Pesquisa

Na elaboração do presente estudo, procuramos entendimento para a seguinte questão: Como os professores participantes entendem o processo de leitura? Esse foi o nosso objetivo geral.

No entanto, para que pudéssemos melhor explorar/elucidar esse questionamento, foi necessário esclarecer outras questões ao longo do percurso investigativo; questões que embasariam nossos achados, fundamentando nossas escolhas e interpretações. As questões de suporte são:

1. Como os professores participantes entendem conceitos relacionados à leitura, a saber, autor, leitor, texto e contexto?
2. Como os professores participantes lêem?
3. Que Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) de leitura é projetado pelos professores no discurso das entrevistas?

Elas constituem nossos objetivos específicos.

## 7.8

### Os Procedimentos de Análise

Como já mencionamos, a análise do corpus buscou integrar duas abordagens de pesquisa: a quantitativa e a qualitativa. Seguindo o paradigma qualitativo, o estudo se alinha com a proposta de Denzin & Lincoln (2000, p.8): “pesquisadores qualitativos enfatizam a natureza socialmente construída da realidade (...); eles procuram respostas para questões que enfatizam *como* a experiência social é criada e significada”<sup>43</sup>. As quantificações e as análises estatísticas - características mais marcantes (mas não exclusivas) da pesquisa positivista - são procedimentos que utilizamos para cristalizar as interpretações qualitativas.

Para responder à **questão específica número um** – *Como os professores participantes entendem conceitos relacionados à leitura, a saber, autor, leitor, texto e contexto?* – aplicamos o questionário (Anexo 4), levantamos a demografia

dos participantes e contextualizamos essa fase da investigação. A *frequência de ocorrência* das opções assinaladas foi contabilizada e, uma vez tabulada, montamos gráficos comparativos, buscando semelhanças e disparidades entre as respostas individuais e do grupo pesquisado. As entrevistas também forneceram dados para melhor compreensão do assunto em questão.

Para responder à **segunda pergunta específica** - *Como os professores lêem?* – utilizamos o protocolo falado, assim como dados do questionário e das entrevistas, a partir da **análise das colocações lexicais**.

Trataremos as colocações lexicais como as possíveis associações que as palavras podem assumir dentro em um dado contexto – abordagem textual. No trabalho de Sardinha (1999), ele menciona a importância do trabalho seminal de Firth (1957), que hoje encontra suporte em Scott (1997), na área de colocação lexical. Sardinha (1999, p.2) define colocação lexical da seguinte forma:

“Colocação: associação entre itens lexicais, ou entre o léxico e campos semânticos. Por exemplo, em termos lexicais, ‘stark’ se associa a ‘contrast’, e ‘sheer’ a ‘scale’, ‘number’ e ‘force’ (Partington, 1998); em termos de campos semânticos, ‘jam’ se relaciona com itens do campo de ‘alimentos’: ‘tarts’, ‘butty’, ‘doughnuts’.”

Segundo Chimombo e Roseberry (1998), as colocações lexicais são centrais no que diz respeito à construção de significado. A partir do nosso conhecimento lexical, podemos imaginar possíveis relações para, por exemplo, as seguintes frases:

#### **Exemplo 6**

- a. Meu cachorro foi assassinado.
- b. Meu cachorro está morto.

Isso acontece porque podemos estabelecer relações com base no nosso conhecimento semântico de *assassinar* e *morrer* (cf. Saeed, 1997, capítulo 3).

O significado de uma palavra é difícil de ser definido por ela mesma – ou entre falantes – visto que não carregam o significado em si (capítulo 1). Uma das dificuldades em se estabelecer o significado seria, conforme apontado por Saeed (1997), a influência do contexto (Wittgenstein, 1958; Bakhtin, 2004) e das

---

<sup>43</sup> “Qualitative researchers stress the socially constructed nature of reality (...).They seek answers to questions that stress *how* social experience is created and given meaning.”

relações das palavras colocadas no enunciado, que nos leva a compreender as expressões “O *pé* da mesa estava quebrado”; “Estou fazendo o meu *pé* de meia para viajar em dezembro”; e “O *pé* deve ser muito bem cuidado, pois é ele quem agüenta todo o peso do corpo”. O contexto e as relações que as palavras nele assumem. Ao citar Wittgenstein, Moreno (2000:58) afirma que “o significado consiste no conjunto dos usos que fazemos dos enunciados, e cada situação de seu emprego revela uma parcela, um aspecto, desse conjunto, a ele ligado por semelhanças de família”. São os usos – os “jogos” de Wittgenstein ou os “contextos possíveis” de Bakhtin (2004) – que determinam o sentido da palavra. Daí nosso interesse pelas colocações lexicais. Elas sinalizam o processo de categorização e são uma janela para a relação entre pensamento e linguagem (capítulo 2 e 5).

Para responder à **terceira pergunta específica** - *Que Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) de leitura é projetado pelos professores no discurso das entrevistas?* – utilizamos entrevistas semi-estruturadas com os participantes selecionados. A unidade de análise das entrevistas foi a mesma utilizada nos protocolos falados, a colocação lexical. Além disso, cristalizamos os dados advindos do questionário e do protocolo falado.

Para atingir nosso objetivo geral de pesquisa e responder *Como os professores participantes entendem o processo de leitura?*, cristalizamos os dados compilados para cada uma das perguntas específicas; construímos MCIs individuais de leitura a partir dos contrastes e semelhanças para os 8 professores que participaram das três etapas da pesquisa e montamos um modelo geral que pudesse representar o entendimento do grupo de professores participantes do estudo sobre o ato de ler, a exemplo de nosso estudo piloto.